

Brasil tenta recuperar 20 anos perdidos

Sandro Silveira

O professor e doutor em economia José Paschoal Rossetti acredita que o Brasil tem, nesta década, a oportunidade de recuperar os últimos 20 anos perdidos. Ao longo das décadas de 70 e 80 o Brasil construiu trajetórias médias ascendentes de inflação e decrescentes do Produto Interno Bruto (PIB). Ele explica que nestas décadas, o Brasil caminhou contra as megatendências mundiais e agora "paga o preço" (ver tabelas e quadro nesta página).

Para Rossetti (autor de textos clássicos de teoria e política econômica) a sociedade brasileira já deu sinais de que deseja mudança de conduta. Nesse sentido existe um processo em gestação, observa o ex-professor titular dos departamentos de Economia do Mackenzie, PUC-SP e Baesp-FGV.

Os principais sinais das mudanças estão no Projeto de Construção Nacional (Projetão) e na presença de Marcílio Marques Moreira à frente do Ministério da Economia. O ministro "encarna" a linha internacionalista, que cristalizou-se como uma megatendência mundial.

Marcílio carrega a esperança de o Brasil conseguir fechar acordos realistas para pagamento da dívida externa, remover o protecionismo exacerbado da economia e conseguir realizar um Governo "compartilhado", algo próximo do "entendimento nacional". A solidificação destas tendências dependem, diretamente, da vontade política do presidente Fernando Collor, do Congresso, dos empresários e centrais sindicais.

Entendimento — José Paschoal Rossetti prevê que "a estabilização deverá resultar de busca de soluções negociadas, até porque é o que resta. A inflação brasileira mostrou-se resistente a todas as categorias possíveis de tratamentos convencionais e heterodoxos, imune, até mesmo, ao radical sequestro de liquidez aplicado" pelo Plano Collor I.

O diretor da Consenso Consultores Empresariais afirma que "os corretivos tentados mostram que se trata de uma manifestação endêmica mal enfrentada, não apenas uma epidemia passageira. Trata-se de um vício impregnado no tecido social. Não há mais adjetivos convencionais para o tipo de inflação brasileira: de custo, demanda, estrutural, inercial..."

Paschoal argumenta que "a sociedade parece entorpecida pela inflação e tem-se mostrado refratária às tentativas de correção, ainda que truculentas. A saída possível, por isso mesmo, é a negociação, envolvendo todas as categorias de agentes econômicos

AG/FOLHA



Rossetti: Marcílio é a esperança de acordo realista

que resistem a essas tentativas".

O professor avalia que "as megatendências que se percebem no Brasil, parecem responder às exigências históricas e geoestratégicas de reversão da estagflação das décadas anteriores. O crescimento do PIB brasileiro, mais do que uma exigência de altas taxas de crescimento demográfico e do processo de urbanização, é um imperativo geoestratégico. Nesse sentido, o Brasil tem posição dominante no Atlântico Sul e, consequentemente, necessita manter seu peso na região". Rossetti entende que o segundo semestre deste ano será fundamental para o Brasil "caminhar rumo ao reordenamento negociado, sob custos e benefícios compartilhados, ou à prorrogação de soluções, com tendências ao caos".

O principal exemplo dessas megatendências é o Projetão, que visa recuperar o crescimento do PIB a uma dimensão superior a quatro por cento ao ano, levar à criação de mais empregos, modernizar o Estado e adaptar a Constituição às grandes tendências mundiais. O Programa de Competitividade Industrial (PCI) deverá expor a indústria brasileira à competitividade internacional até 1995.

Irresponsabilidade — "Depois de conhecer os resultados das duas décadas anteriores, esta década poderá ser conhecida como a da irresponsabilidade se não reparar todos os erros passados". Esta é uma das frases mais repetidas pelo ex-secretário de Política Econômica, Antônio Kanidir, principal elaborador do Projetão.

Os primeiros 16 meses do governo Collor apontam para a tentativa de evitar essa irresponsabilidade. Entretanto, vícios dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, de setores empresariais e trabalhistas, geram dúvidas quanto à possibilidade de reversão das tendências das décadas

anteriores. Este ano, o PIB não deve crescer a inflação continuará alta.

Ainda existem restos de autoritarismo na posição do Executivo, o que dificulta um Governo compartilhado. O estilo soft tenta muar isso. O Poder Legislativo, em boa parte, mantém-se contaminado pela política do "é dando que se recebe". O Judiciário, continua com férias de, pelo menos, três meses por ano. Os empresários querem a inflação para protegerem a própria ineficiência e as centrais trabalhistas dividem força por motivos políticos, prejudicando os próprios trabalhadores.

Álvaro A. C. de Souza, diretor-superintendente do Crefisul, entende que as décadas de 70 e 80 somente poderão ser consideradas perdidas "se a sociedade não extrair de tantos problemas, as lições que eles inspiram". Ele cita o Judiciário como um dos que "livra-se de heranças culturais duvidosas, posicionando-se mais e mais como legítimo representante e protetor dos cidadãos".

O Leste europeu, já não comunista, confirma que, no Brasil, "o intervencionismo, governamental e privado, nas forças que conduzem o mercado, precisa ser questionado. No setor privado, cartéis, monopólios e reservas de mercado são co-responsáveis, ao lado o déficit público, pelas recentes crises inflacionárias", argumenta Souza.

Para ele, é necessário um repositionamento do mercado financeiro como instrumento fundamental ao desenvolvimento econômico do País. "Ele deve voltar a intermediar a transformação da poupança em investimento gerador de renda, para a economia mover-se em direção a mais empregos e riqueza".